

De festivais a festivais: a construção de uma professora da disciplina Dança dentro do curso superior de Educação Física no extremo sul do Brasil

From festivals to festivals: the development of a Dance teacher within the higher education program in Physical Education in the extreme south of Brazil

De festivales en festivales: la construcción de una profesora de la disciplina de Danza dentro del curso superior de Educación Física en el extremo sur de Brasil

Destaques

- A história da Educação Física, no Brasil, encontra-se permeada pela presença da dança.
- Foram entrevistados, via *Google Meet*, 23 sujeitos, entre egressos/as e acadêmicos/as com graduação em andamento.
- O Festival é uma estratégia estética, metodológica, política e formativa que continuará caminhando, provocando, nascendo.

Leila Cristiane Finoqueto¹

<https://orcid.org/0000-0001-5917-1152>

Márcia Strazzacappa²

<https://orcid.org/0000-0002-4118-6572>

¹ Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, Rio Grande do Sul – Brasil. E-mail: cristianefinoquetto@gmail.com.

² Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo – Brasil. E-mail: marciastrazzacappa@gmail.com.

Resumo

A história da Educação Física no Brasil encontra-se permeada pela presença da dança desde as primeiras décadas do século XIX. Esta pesquisa teve como objetivo central problematizar os sentidos atribuídos pelos/as acadêmicos/as e egressos/as de um curso de formação de professores/as de Educação Física para a formação e atuação docente a partir das experiências vivenciadas em dez edições do Festival de Artes Corporais do Rio Grande. Foram entrevistados, via *Google Meet*, 23 sujeitos, entre egressos/as e acadêmicos/as com graduação em andamento, nos meses de outubro a dezembro de 2024. A partir da análise das entrevistas foram construídas três categorias em formas de pergunta: Quem tem medo de Dança e do Festival?; O tempo constrói sentidos?; Quem pode dançar? A reverberação, a partir da experiência com a disciplina de Danças/Festival mostrou-se no entendimento de que toda a manifestação cultural, política, estética e social passou a fazer sentido e a tornar-se pauta nos espaços educativos que os/as egressos/as atuam. Esse enfrentamento não se extinguiu na formação inicial, mostrando-se um posicionamento fundamental ao exercerem as suas docências.

Palavras-chave: Festivais. Educação Física. Dança. Formação de professores.



Abstract

The presence of dance has permeated the history of Physical Education in Brazil since the first decades of the 19th century. This research primarily aimed to problematize the meanings attributed by academics and graduates of a Physical Education teacher training program of teacher education and professional practice based on their experiences across ten editions of the Festival de Artes Corporais de Rio Grande. Twenty-three subjects were interviewed via Google Meet, including graduates and academics with a degree in progress, between October and December 2024. Based on the analysis of the interviews, three categories were constructed in the form of questions: Who is afraid of Dance and the Festival?; Time constructs meanings; Who can dance? The reverberation from the experience with the Dances/Festival discipline was shown in the understanding that all cultural, political, aesthetic, and social manifestations began to make sense and become an agenda in the educational spaces where the graduates work. This confrontation was not extinguished during their initial training, but proved to be a fundamental stance when they began teaching.

Keywords: Festivals. Physical education. Dance. Teacher training.

Resumen

La historia de la Educación Física en Brasil está permeada por la presencia de la danza desde las primeras décadas del siglo XIX. El objetivo central de esta investigación fue problematizar los significados atribuidos por académicos/as y graduados/as de un curso de formación de profesores/as de Educación Física, a la formación y actuación docente, a partir de sus experiencias en diez ediciones del Festival de Artes Corporais de Rio Grande. Fueron entrevistados, a través de Google Meet, veintitrés sujetos, incluyendo graduados/as y académicos/as con la graduación en curso, entre octubre y diciembre de 2024. A partir del análisis de las entrevistas, se construyeron tres categorías en formas de pregunta, a saber: ¿Quién tiene miedo de la Danza y el Festival?; ¿El tiempo construye sentidos?; ¿Quién puede bailar? La reverberación a partir de la experiencia con la disciplina de Danzas/Festival se manifestó en la comprensión de que toda manifestación cultural, política, estética y social pasó a tener sentido y a convertirse en agenda en los espacios educativos donde los y las graduadas actúan. Esta confrontación no se extinguió durante su formación inicial, pero se mostró como una postura fundamental cuando comenzaron a ejercer sus docencias.

Palabras clave: Festivales. Educación Física. Danza. Formación de profesores.

1 Uma introdução em primeira pessoa do singular

Como professora de Educação Física de um curso superior atuando com as disciplinas de Dança, preciso registrar meu encanto por aquilo que me acompanha desde a minha mais tenra idade. Lembro, nitidamente, de uma escola de dança, na qual adentravam meninas da minha idade com as roupas para o balé: meia calça, sapatilhas, saia e o cabelo penteado em forma de coque. A dança, desse modo, ficou num lugar de pouco ou nenhum acesso durante muito tempo. E o que isso tem a ver com a minha atuação docente? Tudo. Pois se a dança não entrou em minha vida em tenra idade, ela sempre esteve tangenciando meus fazeres acadêmicos e profissionais. A dança a qual tive acesso advém das escolas que frequentei, dos projetos nelas inseridos. A dança a qual tive acesso na universidade, ainda em formação, foi a de projetos de

extensão, dos cursos de formação continuada. E a dança que acredito pauta-se, fortemente, nas palavras de Miller (2010, p. 126):

Qual o corpo que dança? Arrisco a responder que todo corpo pode dançar, quando este se vê na sua própria dança a partir do seu querer e do seu sentir. O corpo que dança é o que se permite a um estado de dança que é diferente para cada sujeito, para cada soma. Portanto, a dança não é algo externo que devemos alcançar, mas é um estado que pode ser construído com procedimentos específicos, bem como pode já estar “dentro”, como: a dança da criança com sua espontaneidade, a dança do indivíduo, a dança de todos os seres humanos, os somas que querem dançar. Há dança onde se vê (Miller, 2010, p. 126).

Em 2008, quando me tornei docente de um curso superior e assumi a responsabilidade da disciplina de Danças, passei a refletir sobre o processo formativo dos/as estudantes que acessavam a referida disciplina. Este curso de Educação Física tinha, na época, três anos de criação e três turmas em andamento. Paralelamente, eu me encontrava em período de adaptação e reconhecimento da instituição. Havia, para ambas, uma juventude e um ineditismo nas trajetórias que, potencialmente, possibilitou-me constituir uma caminhada crítica, autônoma e desbravadora.

A partir da formação em Educação Física que eu experienciei, estava engajada em construir uma disciplina que proporcionasse uma visão ampliada de dança, uma vez que é necessário aprofundar conhecimentos e saberes acerca da dança a partir de um recorte profundo, propositivo e limitado, considerando os currículos em andamento nas formações dos cursos de Educação Física.

Assim, foi em 2009 que vislumbrei a ideia do Festival ao coreografar e apresentar uma turma de “Dança de Rua”, disciplina optativa que ofereci, em uma Mostra Comentada realizada no Centro Integrado de Desenvolvimento Costeiro e Ocêanico do Sul (CIDECSul). Os/As acadêmicos/as, à época, foram muito elogiados/as, pois fizeram uma apresentação bastante intensa. Essa experiência reverberou para além da disciplina e motivou-os/as a explorar mais o contexto da dança ao longo da suas graduações, matriculando-se, inclusive, em outras disciplinas optativas de dança ofertadas no curso.

Diante da juventude e do ineditismo destacado anteriormente, fez-se importante expor, na sequência, três planos de ensino de três anos distintos (2010, 2015, 2023) da disciplina denominada “Danças” no curso de Educação Física que ilustram um pouco dessa trajetória. Na

ementa dessa disciplina consta: “Análise e problematização das danças como manifestação corporal constituída historicamente. Vivência e estudo da caracterização das diferentes danças desenvolvidas em diversos espaços educativos, principalmente em ambientes escolares”.

É perceptível a ampliação de conteúdos e procedimentos diversificados de avaliação, bem como das orientações e dos critérios que se faziam imprescindíveis na apresentação da sequência coreográfica.

Figura 1 – Recorte do plano de ensino da disciplina Danças, 2010.

Avaliação
Os acadêmicos serão avaliados obedecendo aos seguintes critérios: - Frequência não inferior a 75%; - Avaliação 1 - Apresentação de uma sequência coreográfica que destaque o período histórico selecionado. O grupo será avaliado pela capacidade de remontar o dado período atentando para figurinos, música, expressões/gestos, utilização de recursos tais como: filmes, livros, documentários; - Avaliação 2 - Prova Escrita com os conteúdos ministrados; - Avaliação 3 - Apresentação de sínteses em forma de seminário sobre a produção acadêmica em Dança Educação; - Avaliação 4 - Presença e participação efetiva nas propostas de aula.

Fonte: Autoria própria.

Figura 2 - Recorte do plano de ensino da disciplina Danças, 2015.

Avaliação
Os/as acadêmicos/as serão avaliados/as obedecendo aos seguintes critérios: Frequência não inferior a 75%; São 68 períodos, portanto, está reprovado por frequência o/a acadêmico/a que apresentar 17 faltas no decorrer do semestre.
1. Avaliação Escrita (Valor: 5,0) 2. Avaliação Textos Cada grupo será responsável pela leitura e contribuição à aula acerca do tema proposto. Os grupos serão responsáveis pela problematização e provocação em sala de aula. Pode-se utilizar qualquer tipo de recurso áudio-visual que auxilie na comunicação/interação (Valor 5,0). 3. Avaliação: Seminário de Dança/Educação Física: Reflexões acerca da produção na área os/as acadêmicos/as selecionarão artigos sobre Dança/Educação Física divulgados em periódicos da área. Os artigos deverão abordar uma temática determinada pelo próprio grupo. A apresentação deverá ser organizada no aplicativo Power Point a fim de ser disponibilizado a todos/as colegas. 4. Avaliação Apresentação Grupos de Danças Apresentação de estilos de danças, devidamente sorteados. Apresentação de uma sequência coreográfica (aproximadamente 3 minutos) que destaque o estilo de dança e/ou período histórico (Idade Primitiva, Dança de Corte, Ballet Clássico/Ballet Moderno, Dança Moderna, Dança Contemporânea, Dança de Rua, Danças Folclóricas). O grupo será avaliado pela capacidade de remontar o dado período/estilo atentando para os seguintes itens obrigatórios na apresentação: 1) figurinos; 2) música; 3) expressividade/gestualidade; 4) utilização de recursos áudio-visuais tais como: trechos de filmes, excertos de livros, documentários, poesia, instrumentos musicais.

Fonte: Autoria própria.

Nos planos de ensino de 2010 e 2015, uma das propostas de avaliação foi: apresentação de uma sequência coreográfica que destacasse um período histórico selecionado. Os grupos foram avaliados pela capacidade de remontar o período, atentando para figurinos, música, expressões/gestos, utilização de recursos, tais como: filmes, livros, documentários. Essas propostas estavam articuladas à escolha dos estilos de dança atrelados aos tempos históricos, buscando uma performance imitativa. Houve uma especificação e ampliação do que se entendia

sobre estilos ou períodos históricos, mas ainda assim as proposições remeteram à ideia de releitura dos estilos de dança.

Figura 3 – Recorte do plano de ensino da disciplina Danças, 2023

Avaliação

Os/as acadêmicos/as serão avaliados/as obedecendo aos seguintes critérios:

Avaliação 1 - Elaboração de diários de campo a partir das aulas vivenciadas pelos/as estudantes. Nessa escrita deverão ser consideradas as experiências e seus impactos sob a perspectiva de quem analisa e reflete sobre as estratégias utilizadas pela docente responsável pela disciplina;

Avaliação 2 - Levantamento de artigos em periódicos científicos acerca da Dança na Educação Física. Selecionar 3 artigos em periódicos da escolha dos/as acadêmicos/as acerca da produção científica da área. Suas problematizações, focos, temas, metodologias, resultados e conclusões. Síntese e análise dos artigos selecionados. Critérios para a seleção do periódico? Critérios para a seleção dos artigos? Entendimentos sobre a presença das Danças na Educação Física. Análise/Síntese pessoal do material estudado (Arquivo em PDF, mínimo 1000 e máximo 2000 palavras, postagem no AVA Moodle).

Avaliação 3 - Os/As acadêmicos/as, a partir da primeira aproximação com os 16 temas de movimento propostos por Laban na aula anterior, deverão construir 4 dinâmicas que atendam aos objetivos propostos nos quatro temas selecionados para desenvolver.

Avaliação 4 - Apresentação de coreografias construídas pelos grupos. Apresentação de uma sequência coreográfica (superior a 3 minutos e inferior a 5 minutos). Coreografias baseadas nas práticas/experiências corporais construídas/vivenciadas em aula. O grupo será avaliado pela capacidade de construir uma sequência coreográfica atentando para os seguintes itens obrigatórios na apresentação: 1) figurinos; 2) música; 3) expressividade/gestualidade; 4) utilização de recursos audiovisuais tais como: trechos de filmes, excertos de livros, documentários, poesia, instrumentos musicais; 5) O grupo deverá compor um release expondo a trajetória da composição coreográfica que será exibida na noite das apresentações. No release deverá ter exposto o título da coreografia, as motivações e inspirações coreográficas, os elementos cênicos utilizados e a opção pelos mesmos, os componentes do grupo - nome completo e endereço eletrônico (o que é permitido o convite a participantes externos). Neste ano, a temática do X Festival de Artes Corporais do Rio Grande será Enegrecer, tendo em vista os 20 anos da Lei n. 10639/2003 e todas as possíveis reverberações dessa lei na formação de professores e professoras.

Fonte: Autoria própria.

Em 2023, foi incluído no plano de ensino detalhamentos sobre os procedimentos relacionados ao Festival, como: criação do *release*, orientações sobre a temática da edição, informações sobre os/as participantes dos grupos, oportunizando a participação de pessoas que não fossem vinculadas à disciplina, bem como o desvinculamento das propostas aos estilos de dança. Ampliou-se para a construção coreográfica que fosse construída a partir das experiências vivenciadas em sala de aula, ao longo do semestre letivo.

Ao apresentar os recortes dos planos de ensino da disciplina de Danças de 2010, 2015 e 2023, descrevo também meu processo de constituição como professora formadora. Para além do entendimento de que dança é para todos/as, fez-se necessário construir as ferramentas que mobilizassem os/as estudantes a se perceberem como corpos dançantes, corpos individuais, corpos com histórias. Em algum momento do semestre, costumava solicitar aos/as estudantes que trouxessem um objeto muito precioso, de valor simbólico e/ou afetivo, e que nos contassem a história do objeto não com mímicas nem com palavras individuais, mas com movimentos e gestos. Em outros momentos, costumava entregar frases de Clarice Lispector para que

tentassem transformar alguns trechos de sua célebre escrita em movimentos e gestos. Usava tecidos, espaguete de piscina, bastões de madeira, elásticos, bolas suíças (Pilates). Solicitava que reconhecessem nas músicas os oito tempos, identificando o início da frase musical. Explorava os 16 temas de movimento de Laban, referência a partir da qual consolidei um tipo de ferramenta para que professores e professoras de Educação Física pudessem instigar corpos ao movimento, à criação, à criatividade, à subjetividade.

A partir dos exemplos expostos, fica evidenciado, numa certa medida, que para defender e desenvolver o princípio de que “todo o corpo pode dançar” foi necessária a construção de um processo didático/metodológico que, no meu entendimento, desenvolveu uma, entre tantas outras possibilidades de se fazer/viver dança.

Entre as estratégias para a formação de professores de Educação Física, venho desenvolvendo o Festival de Artes Corporais do Rio Grande, o qual completou dez edições no ano de 2023 (ininterruptamente de 2010 a 2017, depois em 2019 e 2023). O Festival era realizado no mesmo período em que a disciplina de Danças era ofertada, pois a mesma culminava com a apresentação das coreografias construídas pelos/as acadêmicos/as da disciplina.

Ao longo das diferentes organizações do Festival, compreendi que ele estava se tornando uma cultura do curso. Diante disso, a cada ano sentia a necessidade de ampliá-lo e/ou qualificá-lo, pois havia expectativas sobre o Festival (para o bem e para o mal). Passamos a convidar companhias de danças do Rio Grande do Sul para apresentarem seus espetáculos. A comunidade riograndina começou a ser convidada a estar presente e a prestigiar não somente seus/suas filhos/as, mas também os/as convidados/as que ocupariam/compartilhariam o palco.

As mudanças na estrutura do Festival foram gradativas. Por exemplo, em 2013, foi a primeira vez que o submetemos como projeto de extensão intitulado “Festival de Práticas Corporais do Curso de Educação Física”. Em 2014, tivemos a construção da primeira identidade visual. Em 2015, a proposição de um tema que serviu de mote para o Festival; no caso, o tema foi “O povo brasileiro”, inspirado fortemente na obra de Darcy Ribeiro. A ideia de realizar os festivais a partir de temas que fornecessem uma linha condutora ao evento foi sendo construída ao longo das edições. Em paralelo, começamos o Seminário de Danças, com a apresentação de trabalhos acadêmicos, e passamos a compor uma comissão de pareceristas e debatedores. Estávamos, a princípio, focando nas possibilidades de ampliar a produção

acadêmica do curso de Educação Física, mas, para a nossa surpresa, fomos igualmente bem recebidos por outras instituições educativas, entre universidades e escolas de diferentes formações (como Dança, Pedagogia, Artes Visuais). Em 2016, estabelecemos contato com o curso de Dança da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e construímos a temática “Educação Física & Danças: diálogos (im)possíveis”; lançamos o I Seminário de Estudos e Pesquisas em Educação Física & Danças (SEPEFID) e, a partir do estabelecimento de parceria com o SESC/FEcomércio, foi possível a contratação de uma companhia profissional para a apresentação de um espetáculo. A partir de então, espetáculos profissionais passaram a compor as programações dos Festivais subsequentes. Em 2017, a temática foi “Resistência dos Corpos”. Por que resistência? Porque queríamos problematizar os tempos sombrios que estávamos vivendo: após o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff (2016), Michel Temer (2016-2019) assumiu interinamente o governo brasileiro, dando início a uma escalada da extrema-direita e asseverando políticas de cortes de investimentos, retrocessos nos avanços dos direitos sociais, políticos e culturais. Estávamos claramente perdendo direitos já adquiridos e fomos obrigados a resistir e voltar a defender o óbvio.

Em virtude desse cenário brasileiro de 2017, agravado com uma greve dos caminhoneiros e pelas condições logísticas e orçamentárias das universidades federais, somado ainda à Copa do Mundo de futebol masculino, não houve Festival em 2018. O calendário universitário foi alterado inúmeras vezes e ficou inviável desenvolver o evento de acordo com as características e necessidades que ele vinha consolidando, sendo retomado em 2019 com a temática “El Sur del Sur”, valorizando nossa latinidade e nossas “veias abertas da América Latina”, inspirada, fortemente, em Mercedes Sosa.

Em 2020, atravessados/as pela pandemia, não foi desenvolvida a proposta nem do Festival bem como da temática que havia sido pensada para a edição, “Enegrecer”. Essa temática surgiu da necessidade de tematizar a presença do/a negro/a, das culturas e potências por meio da dança como cultura corporal. Essa questão reitera minha visão como professora que almeja que nossos/as egressos/as sejam professores/as interdisciplinares. Na minha perspectiva, sempre vislumbrei um/a professor/a de Educação Física ser capaz de dialogar com os/as demais professores/as, de Geografia, de História, de Artes, de Português, entre outros/as. Assim, ao tematizar a história, a cultura dos povos de matriz africana e afro-brasileira, situamos como professores/as que reconhecem a amplitude dos saberes que transitam nos sabores, nas cores, nas danças, nos sentidos, nos pertencimentos. Finalmente, em 2023, com o retorno

efetivo das atividades de forma presencial, a temática “Enegrecer” foi abordada na décima edição do Festival.

Figura 4 - Compilado das artes gráficas produzidas para divulgação dos Festivais (2010, 2014, 2015, 2016, 2019, 2017, 2023).



Fonte: Autoria própria.

A realização desse retrospecto evidenciou os resultados exitosos de cada edição do Festival, tais como: o crescimento significativo de público, a ampliação da participação de bailarinos/as das escolas públicas de Rio Grande/RS, a produção de trabalhos escritos a partir

dos/as professores que atuam nas escolas com projetos de danças, a inserção do município de Rio Grande/RS no circuito dos espetáculos do Rio Grande do Sul, a formação de professores/as de Educação Física com uma visão mais ampliada sobre dança e suas possibilidades. Esses êxitos me moveram a continuar a projetar o Festival.

Nas primeiras cinco edições, de 2010 a 2014, eu escutava muito dos/as acadêmicos/as a indignação deles/as a serem “convocados/as a serem bailarinos/as”; “qual o sentido de se apresentar?”. Essas perguntas ecoavam dentro de mim. Para uma pessoa que admira a dança, que gosta de dançar, que vê relações da dança com a vida, essas questões eram inconcebíveis. Foi escutando essas questões, contudo, que compreendi que minha docência estava fragilizada na mesma medida em que os/as acadêmicos/as estavam ao subirem no palco.

Desse modo, passei a evidenciar todo o entorno que envolve conceber a dança como algo efetivamente pertencente à humanidade, aos fazeres ordinários, à história, à vida. Em meados de 2011, encontrei em Rudolf Laban (1990, 1978) e seus temas do movimento a mola propulsora do construir os movimentos, as relações com o cotidiano, com nossos corpos, com nossas histórias corporais. Junto a Laban, os estudos de Lenira Rengel (2008), Ciane Fernandes (2006) e Mommensohn & Petrella (2006).

Arelado a isso, busquei o discurso que problematiza a presença e/ou ausência da dança nas escolas, o papel formativo dos/as professores/as de Educação Física que ensinam dança nas escolas, a interdisciplinaridade, o aprendizado na Educação Física escolar que não objetiva formar bailarinos/as, mas professores/as mediadores/as com a capacidade organizativa de um Festival que perpassa o ano letivo e não somente datas comemorativas pontuais e espaçadas.

2 Do singular ao plural: dialogando com o referencial teórico

A história da Educação Física encontra-se permeada pela presença da dança, de acordo com Soares (2005, p. 36), desde as primeiras décadas do século XIX. Foi atrelada aos trabalhos ginásticos desenvolvidos com o intuito de formar cidadãos nas esferas “não somente física, mas também estética e sensorial” que os métodos ginásticos ganham força e amplitude. Interessamos para esta pesquisa focar nos registros históricos que demarcam a presença da dança no que hoje entende-se por Educação Física, mas que por longos anos se denominou Ginástica.

15º - As danças pírricas ou militares, e as danças de sociedade mais ou menos desenvolvidas, de acordo com as aplicações que o aluno deverá dar a elas. *A dança cênica ou teatral pertence ao funambulismo e não pode entrar no nosso projeto* (Soares, 2005, p. 40).

No livro “Imagens da educação no corpo”, Soares (2005), no capítulo “Corpo moldado” nos fornece os subsídios para compreender uma separação meticulosa entre o corpo útil/adestrado e o corpo como entretenimento. Para as Ginásticas, o corpo esquadrinhado, para o circo, a dança cênica ou teatral o corpo como entretenimento.

E é este encantamento que atemorizava, era a ausência de fixidez que poderia desestruturar as formas habituais de controle. Desde a sua chegada e em cada momento do espetáculo, os circenses tinham, como únicas propostas, cultivar o riso, o sonho, a fluidez e a mutação constante de homens e animais, numa criatividade intensa e cativante (Soares, 2005, p. 55).

Esse recorte histórico é fundamental, pois conectou a Educação Física a um pensamento bastante específico no que se refere à dança e ao seu papel na formação escolar ao longo de muitos anos no Brasil, colocando-se a serviço de uma perspectiva eugenista e higienista, reservando pouco ou nenhum espaço ao corpo subjetivo.

A presença da dança como conteúdo da Educação Física encontra-se fortemente proposto a partir da obra “Metodologia do Ensino de Educação Física” (1992), também conhecido na área de Educação Física como Coletivo de Autores, na qual os/as autores defendem que:

A Educação Física é uma disciplina que trata, pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal. Ela será configurada com temas ou formas de atividades, particularmente corporais, como as nomeadas anteriormente: jogo, esporte, ginástica, dança ou outras, que constituirão seu conteúdo. O estudo desse conhecimento visa apreender a expressão corporal como linguagem (Coletivo de Autores, 1992, p. 62).

Esse pensamento construiu entendimentos que possibilitaram à Educação Física compreender o movimento humano, práticas corporais como pertencentes à cultura e, portanto, ao patrimônio e construção de homens e mulheres.

Esse mesmo referencial teórico não fez tanto impacto, por exemplo, nos Parâmetros

Curriculares Nacionais (PCN) de 1997, nos quais, apesar do reconhecimento da cultura corporal a partir da perspectiva do Coletivo de Autores (1992), no que tange os blocos de conhecimento, o bloco “Atividades Rítmicas e Expressivas” foi compreendido como um “ênfase complementar”, considerando que o conteúdo Dança faria parte do documento de Arte.

Outro documento interessante para observar a presença da Dança na Educação Física é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018, que caracteriza a unidade temática Danças como:

o conjunto das práticas corporais caracterizadas por movimentos rítmicos, organizados em passos e evoluções específicas, muitas vezes também integradas a coreografias. As danças podem ser realizadas de forma individual, em duplas ou em grupos, sendo essas duas últimas as formas mais comuns. Diferentes de outras práticas corporais rítmico-expressivas, elas se desenvolvem em codificações particulares, historicamente constituídas, que permitem identificar movimentos e ritmos musicais peculiares associados a cada uma delas (Brasil, 2018).

Na BNCC, cabe à Educação Física objetos de conhecimento tais como: Danças do contexto comunitário e regional; Danças do Brasil e do mundo; Danças de matriz indígena e africana; Danças Urbanas; Danças de Salão (englobando os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental). No que tange à Arte na BNCC (2018):

A **Dança** se constitui como prática artística pelo pensamento e sentimento do corpo, mediante a articulação dos processos cognitivos e das experiências sensíveis implicados no movimento dançado. Os processos de investigação e produção artística da dança centram-se naquilo que ocorre no e pelo corpo, discutindo e significando relações entre corporeidade e produção estética (Brasil, 2018).

Caberá à Dança, como objeto de conhecimento: contextos e práticas, elementos da linguagem, processos de criação. Nesse sentido, observa-se, historicamente, o desenvolvimento da Dança tanto no escopo da Educação Física quanto no da Arte. Esse movimento evidencia a presença da Dança na Educação Física, não a desconsiderando, mas aponta, em grande medida, que existem limites/fronteiras dos saberes e conhecimentos atinentes a cada formação.

Esses entrelaçamentos, contudo, encontraram algumas rupturas e questionamentos quando a formação em Dança no Brasil ganhou contornos mais definidos pela ampliação de

cursos de graduação em nosso país.

Strazzacappa (2012) apontava, em 2012, a criação de 15 cursos superiores de dança no Brasil. Ainda, no que se refere à formação de professores e bacharéis em Dança, ampliou-se significativamente o número de cursos criados. De acordo com Batalha e Cruz (2024), atualmente, da escrita deste artigo, são ofertados 46 cursos de Dança, sendo 25 no âmbito federal; nove em âmbito estadual e 12 em instituições privadas. Complementam ainda que, desses 46 cursos, 31 são de licenciatura e 14 são de bacharelado/tecnólogo.

Ainda na esfera das rupturas, a tentativa de regulamentar a Dança pelo Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) foi um movimento ardiloso que não encontrou consonância e respaldo na entidade de referência da área da Educação Física, a saber: o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). A entidade manifestou-se, em documento elaborado pelos Grupos de Trabalhos Temáticos Corpo e Cultura; Escola; Formação Profissional e Mundo do Trabalho; Gênero; Lazer e Sociedade e Memórias da Educação Física e Esporte, expressando a importância da autonomia, independência, aproximações e história entre as áreas. Apresento em destaque um extrato que evidencia essas perspectivas:

[...] entendemos ser necessário estabelecermos o diálogo entre essas áreas para esclarecer alguns aspectos da dança tratada na escola, especialmente as relativas a BNCC da Educação Básica e as possibilidades e necessidade de fundamentar a Educação Física como componente curricular significativo na formação de crianças e jovens no universo escolar, com a dança e as expressões rítmicas como necessárias de estarem presentes e ativas na escola, na perspectiva da cultura e da arte (CBCE, 2015, p. 6).

O documento evidencia o processo histórico de aproximação, afastamentos e contribuição entre a Educação Física e a Arte, mais especificamente, a Dança. Morandi (2012) no capítulo “O descompasso da Dança e da Educação Física”, apresenta o percurso histórico da dança na Educação Física evidenciando um trato distanciado dos aspectos estéticos e artísticos na medida em que a esportivização e as ginásticas, por seu turno, tomaram por empréstimo a ideia da rítmica como um apoio. Assim, compreender, como diz Morandi (2012), a dança pela rítmica é limitante e limitador da potencialidade dessa área para a formação humana.

Nesse sentido, questionamos os caminhos da Dança em cursos de formação de professores/as em Educação Física, os quais são desenvolvidos em espaços curriculares diminutos, uma vez que concorrem com as demais manifestações da cultura corporal, a saber:

jogos, lutas, ginásticas, esportes. Desse modo, a Dança é apresentada como um dos conteúdos da cultura corporal. Convém, ainda, destacar que não se pode atribuir a esses espaços na Educação Física uma formação equivalente àquela ofertada em um curso de graduação em Dança, desenvolvido em quatro anos, uma vez que são campos de saberes/conhecimentos de ordem distintas. Faz-se necessário observar os limites, as fronteiras, mas também os horizontes e as potências que se podem atravessar, permear-se ou, até mesmo, complementar-se. Assim, é nesse contexto que vamos nos constituindo como professoras da disciplina de Danças em um curso de Educação Física numa universidade pública federal do sul do Rio Grande do Sul ao longo de 17 anos.

Esta pesquisa direciona-se à formação de professores/as do curso de Educação Física, na mesma medida em que problematiza a formação docente universitária pessoal. Ao longo dos anos, já citados, fez-se necessário reconhecer a mobilização produzida para criar um projeto de extensão/ensino que deu centralidade à dança como um ato pedagógico potente. Ainda assim, esses entendimentos mostram-se unilaterais e precisam ser investigados em sua extensão e profundidade.

Levamos a seguinte questão: quais os sentidos, segundo os/as acadêmicos/as e egressos/as, para a formação e atuação docente em Educação Física a partir das experiências vivenciadas nas dez edições do Festival de Artes Corporais do Rio Grande?

3 Percurso metodológico

A partir da questão exposta, realizamos uma pesquisa de pós-doutorado numa instituição de ensino superior pública do estado de São Paulo cujo objetivo era identificar e problematizar os sentidos atribuídos pelos/as acadêmicos/as e egressos/as para a formação e atuação docente em Educação Física a partir das experiências vivenciadas nas dez edições do Festival de Artes Corporais do Rio Grande.

A pesquisa, de cunho qualitativo, teve como ferramenta principal para obtenção das informações a entrevista semiestruturada junto aos/as egressos/as do curso de Educação Física que participaram das edições do Festival. Para chegar aos/as potenciais sujeitos da pesquisa, selecionamos os cadernos de chamadas, por meio do sistema oficial da universidade, referente aos anos em que ocorreram os Festivais. No intuito de manter a representatividade, entramos em contato com 28 egressos/as. Todos/as foram contatados/as via redes sociais e/ou endereços

eletrônicos, e os/as entrevistados/as atenderam aos critérios de inclusão (ser formado no curso ou estar cursando; ter participado, no mínimo, de uma edição do Festival). Para além desses critérios, contudo, fez-se necessário que os/as mesmos/as estivessem atuando em Educação Física em seus amplos espaços de atuação. Assim, ao contatar alguns/algumas egressos/as, observamos que seus campos de atuação não atendiam à proposta da pesquisa, pois estavam exercendo outras profissões: Nutrição, Odontologia, Segurança Pública. Também não foram realizadas entrevistas com dois egressos devido à agenda ou à desistência.

As entrevistas foram realizadas de forma online, via plataforma Google Meet, dada a amplitude geográfica dos/as possíveis participantes da pesquisa. No roteiro, composto de nove perguntas, havia a possibilidade de acrescentar considerações/questões tanto pela entrevistadora quanto pelos/as entrevistados/as. A seguir, apresentamos o roteiro da entrevista, o qual foi enviado aos/às entrevistados/as via digital para conhecimento da natureza das questões propostas.

Figura 5 - Roteiro da entrevista (2024).

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DE FESTIVAIS A FESTIVAIS: A CONSTRUÇÃO DE UMA PROFESSORA DA DISCIPLINA
DANÇA DENTRO DO CURSO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO EXTREMO SUL DO
BRASIL
CAAE: 82811724.0.0000.8142

Roteiro da Entrevista

Nome:
Ano de participação Danças/Festival:
Ano que se formou:
Titulação:
Atuação profissional:

1. Quais eram tuas expectativas em relação à disciplina de Danças e ao Festival?
2. Que experiências com dança possuías antes de frequentar a disciplina de Danças?
3. E durante a disciplina, quais as aprendizagens que podes destacar?
4. Como foi a sua participação na disciplina de Danças? E no Festival?
5. De que forma tu participaste do Festival?
6. Durante a preparação, especificamente, do Festival você acionou saberes para montar a sequência coreográfica? Quais foram as tuas referências?
7. As experiências vivenciadas durante o desenvolvimento da disciplina de Danças/Festival produziram que tipos de sentidos e/ou entendimentos sobre Danças?
8. De que maneira o Festival contribuiu na tua formação em Educação Física? /Qual seria o legado do Festival para a tua formação. O fato de ter vivido o Festival como acadêmica?
9. Tem alguma pergunta que eu não fiz, alguma coisa que gostaria de falar que eu não registrei, alguma coisa que tu achas importante de deixar de informação sobre o tema da pesquisa?

Fonte: Autoria própria.

As entrevistas foram realizadas no período de outubro a dezembro de 2024. No intuito

de preservar a identidade dos/as entrevistados/as, optamos pelo uso de números de 1 a 23, ordenados pela temporalidade da realização das entrevistas. Todas as entrevistas foram transcritas e encaminhadas, via e-mail para os/as entrevistados/as junto ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os quais foram devolvidos assinados e as entrevistas revistas e autorizadas para uso. Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, a qual foi aprovada sob o número: 82811724.0.0000.8142.

Após a transcrição, as entrevistas foram lidas buscando os temas mais recorrentes abordados/as para a criação de categorias de análise. Para o presente artigo, optamos em apresentar três das categorias, quais sejam: (i) Quem tem medo de Dança e do Festival?; (ii) O tempo constrói sentidos?; (iii) Quem pode dançar?

3.1 Apresentando os sujeitos que falam

Ao todo, foram entrevistados 23 pessoas, sendo 20 egressos/as e três acadêmicos/as do curso de Educação Física. O grupo de participantes da pesquisa evidenciou uma ampla diversidade de formações em nível de pós-graduação (quatro especializações, seis mestrados e seis doutorados). No que tange ao sexo, foram entrevistados oito homens e 15 mulheres, com idades entre 25 e 50 anos. Dos/as entrevistados/as, três foram da edição do Festival de 2010; dois de 2011; dois de 2012; dois de 2013; dois de 2015; cinco de 2016; três de 2017; um de 2019 e três de 2023. Não entrevistamos nenhum participante da edição de 2014. A seguir, apresentamos um quadro com informações detalhadas sobre os/as entrevistados/as.

Quadro 1 – Caracterização dos/as entrevistados/as.

Entrevistados/as	Ano de nascimento	Ano de participação Festival	Titulação	Atuação profissional
1.	1991	2017	Licenciada e Bacharel em EF	Professora de aulas coletivas numa academia de rede
2.	1987	2012	Doutora em EF	Pilates
3.	1988	2016	Licenciada em EF	Terapeuta corporal
4.	1975	2011	Especialização em Educação Integral e orientação educacional	Professor de Educação Física na EJA
5.	1998	2019	Estudante de Pós-graduação Mestrado	Personal trainer
6.	1986	2017	Mestre em Educação	TAE - FURG
7.	1990	2012	Doutora em Educação em Ciências	Analista promoção saúde SESI
8.	1983	2016	Estudante Pós-Graduação Especialização em EF Escolar	Coordenador pedagógico
9.	1995	2015	Estudante de Pós-Graduação Doutorado	Professora EF Anos Iniciais
10.	1983	2010	Doutorado em Educação em Ciências	Professora de EF Ed. Infantil e Anos Iniciais
11.	1984	2013	Pós-graduação Especialização	Professora EF rede municipal
12.	2000	2023	Acadêmica de EF	-
13.	1985	2016	Licenciado em Educação Física	Preparador físico/auxiliar técnico Futebol profissional
14.	1997	2017	Mestre em Saúde pública Estudante de Pós-graduação Doutorado	Professora de ensino superior faculdade particular
15.	1994	2016	Mestre em Educação Física	Professora EF Ensino Médio
16.	1982	2011	Licenciado e Bacharel em Educação Física	Professor EF rede municipal
17.	1985	2013	Mestre em Educação	Professor EF Anos Iniciais e vice-diretor
18.	1985	2016	Mestre em Educação Ambiental	Bolsista Programa Pós-Graduação em nível de Doutorado
19.	1987	2010	Mestre e Doutor em Educação Física	Professor de EF redes municipal e estadual

Entrevistados/as	Ano de nascimento	Ano de participação Festival	Titulação	Atuação profissional
20.	1987	2023	Graduada em Fisioterapia e acadêmica de EF	Instrutora de Pilates
21.	1985	2010	Graduada em Pedagogia e Educação Física Pós- Graduação em Jogos e Brincadeiras; Gestão Escolar e Orientação	Professora Educação Infantil
22.	1997	2023	Acadêmico de EF	Estudante/pesquisador
23.	1994	2015	Mestre em Educação Física	Treinamento físico e professor de EF

Fonte: Autoria própria.

4 Analisando as categorias definidas

As categorias foram consolidadas a partir das inúmeras leituras das entrevistas que, de forma recorrente, evidenciaram sentimentos e/ou entendimentos semelhantes, atravessando a materialidade do processo de ensino e de aprendizagem vivenciado pelos/as entrevistados/as na disciplina de Danças. As categorias: (i) Quem tem medo de Dança e do Festival?; (ii) O tempo constrói sentidos?; (iii) Quem pode dançar? evidenciaram-se como um *continuum* da chegada à disciplina até à atuação profissional.

4.1 Quem tem medo de Dança e do Festival?

A criação do Festival, como uma atividade avaliativa da disciplina de Danças, aconteceu em 2010. Na oportunidade, a atividade era limitada aos/às acadêmicos/as matriculados/as nas disciplinas vinculadas às danças, obrigatória e optativas. De 2010 em diante, o Festival tornou-se uma atividade que fazia parte do calendário da disciplina, bem como das disciplinas optativas ofertadas, dos projetos de extensão da faculdade de Educação Física, das escolas públicas municipais e estaduais situadas no município, das academias e estúdios de dança, entre outros segmentos.

Ainda nesse sentido, é preciso compreender minimamente o contexto e o referencial de formação proposto no curso de formação de professores/as na instituição em tela. Morandi (2005, p. 28), em sua dissertação de mestrado, no capítulo 2, “O descompasso da dança e da

Educação Física”, situa o leitor acerca do “movimento do pensamento da Educação Física escolar e seus conteúdos de ensino”, passando pelo Movimento Ginástico Europeu (século XIX e início do século XX) chegando à cultura corporal (desde a década de 1980). Desse modo, a Educação Física, até os dias atuais, apresenta um leque bastante amplo de propostas didáticas/pedagógicas que podem situar seus conhecimentos atravessados pela Medicina, pela Antropologia, pela Sociologia, pela Pedagogia, pela Fisiologia, entre outros. E o que se pretende afirmar aqui é que os princípios didáticos/metodológicos que nos animam estão pautados na compreensão de que a dança é um patrimônio cultural e, portanto, construído por homens e mulheres ao longo da história da humanidade (Coletivo de Autores, 1992).

Carbinato *et al.* (2017), em seu artigo “Avaliação em Dança: o caso dos festivais universitários da Educação Física”, apresentam uma forte conexão com a proposta desenvolvida ao longo de 10 edições e que, neste momento, ocupa-se em discutir a formação docente em Educação Física.

Mais do que a exaltação de melhor desempenho, a dança nos cursos de formação possibilita o conagração de elementos e ideias e a superação de limites pessoais (Ehrenberg, 2014). Pela dança, podemos formar melhores consumidores, espectadores e pensadores dessa forma de manifestação cultural (Carbinato *et al.*, 2017, p. 60-61).

Assim, questionados/as sobre as expectativas acerca da disciplina de Danças e da participação no Festival, a recorrência foi a palavra/sentimento medo, seguido de receio e, em alguns casos, até repulsa.

[...] eu lembro que era **uma tensão**, foi uma tensão inicial. Eu nunca tive experiências antes com danças, especificamente, então quando tu estás num curso de formação para professor de Educação Física, vai contemplar esse elemento. Então, no início foi **uma tensão** do que será a exigência da disciplina. Por que eu não performo como uma dançarina, eu nunca tive experiências, pelo menos mais do nível de espetáculo ou balé (Extrato entrevista 2, grifos nossos)

Eu **tinha medo** do que estava por vir, porque eu particularmente nunca tinha tido grandes experiências com dança. Eu sempre fui muito tímida para essas coisas, para dançar, para me movimentar. Eu tinha experiência com outras práticas dentro da educação física, musculação, caminhada, pedalada, corrida, mas a dança em si sempre foi... afastada de mim. E aí **eu tinha medo** (Extrato entrevista 5, grifos nossos).

A primeira expectativa é de repulsa, porque não é um tema que me leva à graduação, a dança, **mas é de repulsa** [...] a primeira é “nossa, precisaremos fazer isso [...]” (Extrato entrevista 8, grifos nossos).

Dos/as 23 entrevistados/as, 11 manifestaram nenhuma experiência com a dança; cinco declararam experiências muito pontuais e em tempos de infância, por um ou dois anos; sete manifestaram ter experiências com diferentes estilos de dança (danças originárias de Centro de Tradições Gaúchas [CTG]; grupos de dança na escola e em estúdios de dança com balé, jazz). Aqueles/as que já tinham experiências anteriores estavam ansiosos para ver o desenvolvimento da disciplina e do Festival e se mostraram pró-ativos/as em relação aos demais colegas, que viam no Festival uma ameaça.

Para Ehrenberg (2014), por mais reduzido que seja o nível de aproximação que os sujeitos tiveram com dança, ainda assim pode ser considerada uma aproximação, e segue:

Precisam também compreender que a dança tratada na disciplina não se pauta no rigor técnico e específico de um estilo como o do balé clássico, do jazz ou outros, mas que acontecerão nas aulas manifestações corporais intencionais, leituras e releituras de danças, e que isso todos serão capazes de realizar, cada um dentro das suas limitações, uma vez que o objetivo não estará centrado na técnica específica dos movimentos (Ehrenberg, 2014, p. 43).

O extrato abaixo, da entrevista 3, quando questionada sobre sua experiência com dança, corrobora o pensamento de Ehrenberg (2014):

Pouquíssimas. Até comentei que eu participei durante a escola de danças italianas, mas foi um mês de dança italiana para uma apresentação específica. **Dança gaúcha, mas era aquela coisa de dançar pra baile** e tal, mas nada muito contemporâneo, coisa que a gente vivência assim na [...] uma dança mais livre também, mais expressiva (Extrato entrevista 3, grifos nossos)

A partir disso e com isso, várias camadas vieram à tona nas entrevistas. Entre elas, a presença da dança se fez presente, em grande medida, na escola com projetos extra-curriculares, na Educação Física, nas bandas escolares, nas festas comemorativas. Ao observarmos estudantes do curso de graduação em Educação Física que relataram experiências com danças (12), a escola foi um dos contextos importantes para essa formação.

Não [...] **muito pouco**, só aquelas apresentações de fim de ano, aqueles repete da professora, mas eu nunca tinha feito aulas de dança, nunca tinha participado de eventos de dança, então eu não tinha... era... Nada. **Era só aquelas apresentações, final de ano, dia das mães, festa junina.** Não pensado por nós, não elaborado por nós. **Mas sim aquelas coreografias que a professora vai passando pra gente.** A gente imitava pra apresentar. Eram as experiências que eu tinha (Extrato entrevista 10, grifos nossos).

A segunda camada que precisamos destacar é o fato de que, por mais que a dança esteja presente historicamente no currículo da formação de professores de Educação Física, o que se observa é a predominância do esporte. Na esfera social ampliada, a Educação Física ainda pode ser reconhecida pelo estilo *fitness*, consolidado pelas academias de ginástica e de musculação, que também instituem modelos de profissão e, por consequência, de desejos pela formação em nível superior. Assim, o perfil dos/as acadêmicos/as oscila entre aqueles/as que não têm nenhuma experiência corporal relacionada à dança, não tem expectativas positivas, sentem-se fragilizados/as ou inadequados/as à prática da dança, não a reconhecem como um conteúdo legítimo na Educação Física escolar e aqueles/as que, diante das experiências técnicas e aprofundadas sobre os estilos que vivenciaram, observam, com certo estranhamento, as possibilidades de se entender e a propor dança.

4.2 O tempo constrói sentidos?

Como foi dito anteriormente, nenhuma edição do Festival foi igual a outra. Desde a primeira, muito mais comedida, somente com a turma em avaliação em Danças, até à última edição, com um espetáculo de companhia de dança profissional, mesa de debate, oficinas, espaço para a apresentação de trabalhos acadêmico-científicos, e a criação do espaço Cartas Dançantes (uma troca de cartas entre organizadores/as do Festival e professores/as de danças de escolas, projetos e estúdios/escolas de dança). Desse modo, os/as egressos/as das primeiras edições apresentam um entendimento de que o Festival ampliou e potencializou ações e participações. São esses/as egressos/as, contudo, que recorrentemente passaram a compreender que os princípios que animam a criação do Festival estavam presentes em todas as edições, com menor ou maior apoio financeiro e/ou logístico.

E eu lembro do teu estímulo a pensar cultura, pensar arte. **Eu não estava aberta para essa discussão, sabe.** Não é que eu não estava aberta na verdade, é que não acontecia, não foram questões que, são questões hoje bem sensíveis, bem importantes, como tu mesmo começou a conversar assim, a gente teve uma negação, a gente só teve um período obscuro mesmo em relação à arte, em relação à cultura nessa gestão anterior, e aí eu comecei a – Ah meu Deus. Como a gente viveu negando né, como essas questões foram negadas, retiradas. Aí a gente, **aí comecei a lançar esse olhar com muito mais interesse nessas questões artísticas mesmo, né. De cultura, de dança, de literatura.** Então, eu acho que só consigo pensar isso hoje porque, obviamente, teve uma trajetória que ajudou a construir, mas como essas coisas estão interligadas [...] Eu vejo, hoje eu consigo entender, assim, um pouco mais de... de que nos faltava, **nós estamos falando de 2012, de maturidade mesmo assim sabe, acadêmica minha, de pesquisadora, de pessoa, professora.** Não é jogar, dizer que nada serviu antes ou que era muito melhor antes. (Extrato entrevista 2, grifos nossos).

Hoje eu vejo o quanto é importante, o quanto foi bacana participar disso tudo. Imagino o quanto se perdeu realmente com a pandemia. Diversas coisas, mas o quanto o curso e os alunos em si perdem em acompanhar isso. E poder se lembrar com carinho da experiência, com alegria assim, com risada de poder ter se apresentado e passado a vergonha e rir dos outros colegas (risos). Enfim, mas de prestigiar também, de pensar “nossa, que apresentação bacana que eles conseguiram, a música foi legal, o figurino foi legal” (Extrato entrevista 9, grifos nossos).

Os extratos das entrevistas são longos, mas expressam um entendimento recorrente dos/as entrevistados/as, o sentimento de que foi importante na formação o binômio Dança/Festival¹. Arelada à questão da entrevista: “Qual o legado do Festival para a formação docente?”, todos/as entrevistados/as declararam que é importante a permanência da realização do Festival.

Mas a importância é de alguns festivais. Porque, né, leva muita experiência. Eu, pelo menos, trouxe muita experiência. Quando eu me encontro com os guris, sempre vem apontar, se comenta. Então, não foi só pra mim que ficou marcado, né. Então, a importância de festivais, sejam eles de esporte, de dança, o que seja, assim, a importância, eu acho que é claro, alguns devem levar uma experiência mais agradável, outros nem tanto. Mas é uma vivência. A questão da vivência de ir ao palco (Extrato entrevista 13).

Sair e fazer o festival. Eu sei que é difícil. Cada vez mais difícil, mas é um evento que cresceu. Um evento que foi tomando outros rumos também. É um evento que enriquece [...]. Acho que aos pouquinhos, trazendo o pessoal pra esse movimento. Pra entender essas outras possibilidades. E o festival é muito disso. Ele também traz o olhar coreográfico. Mas ele traz o olhar coreográfico possível (extrato entrevista 14).

¹ O Festival ocorre, anualmente, todos os finais de semestre na disciplina de Danças, geralmente nos meses de Junho (considerando momentos de greve ou eventos climáticos, com adiamentos ou antecipações). No início do ano letivo, reservamos o auditório central da universidade (com capacidade para 1.200 pessoas).

Ao observar as características do grupo de pessoas entrevistadas para a pesquisa, identificamos três questões importantes: o tempo de formação, a atuação profissional e as titulações. Os relatos sobre compreender o sentido e a importância do Festival para a formação estão atrelados a algumas dessas questões. O afastamento da universidade, o tempo de formação, a atuação profissional e a continuidade dos estudos em programas de pós-graduação fortaleceram a importância da arte, da cultura, da dança, tanto nas escolas quanto em outros espaços educativos, possivelmente não projetados por mim como campos de atuação profissional, uma vez que meu foco sempre foi a escola. Mas sem dúvida foi um contexto possível de acordo com as trajetórias profissionais dos/as entrevistados/as.

Então, na área da saúde, eu vejo que, assim, fez total sentido, faz total sentido, e eu penso como não é democratizado. Se a gente pensar em... sei lá, acesso a teatro, a teatros musicais, a espetáculos de dança [...] (Extrato entrevista 2).

[...] porque tem uma frase que eu repito muito na escola. Nossas crianças não dançam. E eu vejo como um problema. A criança adora a música. Tocou a música, ela balança o corpo. E eu ainda vejo pouco, posso falar, nas disciplinas de Educação Física a dança é inexistente. Mesmo estando lá nos critérios que devem ser abordados, de fato ela não ocorre (Extrato entrevista 8).

E eu tenho sonhado muito com a minha escola ter um ginásio, ter um espaço, porque hoje a gente não tem um espaço adequado. A gente não tem nem quadra, pra falar a verdade. Mas a gente tem sonhado enquanto gestão, enquanto... A equipe pedagógica, que sou eu e a Camila, a gente tem feito uma luta bem grande para termos um espaço adequado para trazer não só a dança, mas os outros elementos da cultura corporal para dentro da nossa escola (Extrato entrevista 4).

4.3 Quem pode dançar?

Muitas questões didáticas e metodológicas foram construídas, pois, como dito em seções anteriores, a maioria dos/as estudantes que frequentaram a disciplina de Danças não tinha uma relação estreita com essa prática e alguns/algumas declararam se sentir desconfortáveis com a exposição requerida por ela. Chegar até ao palco, então...

Assim, propunha, de antemão, atividades que colocassem os sujeitos em movimento através de exercícios de expressão corporal, de improvisação e movimento (Haselbach, 1988); temas do movimento (Laban, 1978), temas de movimento de Rudolf Laban (Rengel, 2008), Danças de corte (que no Rio Grande do Sul tem grande semelhança com as Danças Tradicionalistas Gaúchas, uma vez que essas se inspiraram em Danças de Salão do continente

européu: Mazurca, Valsa, Minueto, entre outras). Convido professores e professoras especialistas em diferentes estilos de danças: Balé, Jazz, Contemporâneo, Danças de matriz africana. Assumo algumas vivências de Dança de Salão (samba, tango, salsa, samba-rock) e Danças Populares Brasileiras (forró, maracatu, frevo).

Ah, o que ficou que eu acho que é significativo é que todo mundo pode dançar. Acho que isso foi uma baita... É uma baita contribuição, digamos assim, porque eu entrei, a gente entra com o peito aberto, mas eu tinha algum resquício de expectativa, de que dançar é balé, é hip-hop, é contemporâneo [...] (Extrato entrevista 7).

Faz as pessoas entenderem o seu próprio corpo de maneira diferente, que às vezes a gente não entende o que a gente é capaz de fazer, o que a gente é capaz de construir. E que as pessoas realmente, acho que talvez como eu, compartilham esse sentimento de forma inicial de que a dança é aquela coisa montada, coreografada, com rigor, com cobrança. Também é. Mas depende de onde tu tá. Depende de qual é teu objetivo, qual é a tua proposta. Então, eu consigo hoje trabalhar com dança. Eu! Eu consigo trabalhar com dança. É bizarro falar isso, mas eu consigo. E é bacana (Extrato entrevista 14).

Então, isso que eu te disse, de ser possível, da dança ser algo possível, para mim era impossível, para mim não era algo alcançável, porque eu sempre fui muito quadrada, então era algo que me dava muito medo, e aí eu fiquei muito orgulhosa quando eu consegui, por exemplo, trazer para o Ensino Médio, quando eu consegui ficar à frente da disciplina de dança e dar certo e eu sei que foi por causa das experiências na aula de dança (Extrato entrevista 15).

Ao analisar as entrevistas, encontramos também relatos que exalam preconceitos que pairam sobre a dança, entre eles, do homem que dança ou sobre a generificação da dança, criando preconceitos e cerceando práticas corporais. Essa questão encontra relevância neste estudo na medida em que dois egressos, homens cis, atuando em escolas de Educação Básica, na gestão escolar, reconhecem a importância da dança na formação dos/as estudantes, a partir da experiência da Dança/Festival.

Eu analiso da seguinte forma, Leila, em algum momento, porque eu fui uma criança dançante, provavelmente, como estas outras, e em algum momento, o que me circula, as pessoas que me circulavam, a sociedade, interromperam esse processo. Eu passei a ser uma criança não dançante por conta da vergonha, por conta de expor o corpo, questões machistas também relacionadas à dança. Então, eu fico com pena e se a gente não trabalhar, a gente está construindo pessoas como eu fui construído, que se afastaram da dança e praticamente marginalizaram a dança ou vulgarizaram a dança (Extrato entrevista 8).

Eu até tenho, sempre conto que na minha adolescência, quando eu vim para Rio Grande, eu tinha um movimento, uma cena forte de dança em Rio Grande. E aí eu vim morar com meu irmão, uma questão de pensamento conservador e tudo mais, aquela questão de relacionar a sexualidade e tudo mais. Eu fui tolhido de exercer isso na minha adolescência, entendeu? (Extrato entrevista 4).

Com isso, não proponho nenhuma visão salvacionista ou redentora para a Dança, para a Educação Física ou para a dança na Educação Física, mas está implicada no que Brasileiro (2002) destacou, a partir do histórico de formação em Educação Física, se avançamos na proposição de conteúdos, antes destinados exclusivamente às mulheres (rítmica) ou aos homens (futebol) no contexto escolar, na atualidade é possível observar que o futebol foi ampliado tanto para homens quanto para mulheres, enquanto a Dança, por sua vez, não.

5 Considerações finais

Esta pesquisa origina-se de uma problematização da minha própria prática docente como professora de dança em um curso de licenciatura em Educação Física no extremo sul do Brasil, que se propôs a promover um festival de dança visando a ampliação dos sentidos, dos saberes e dos conhecimentos na disciplina de Danças em um curso de formação de professores/as em Educação Física. Foram dez edições de um projeto de extensão/ensino que atravessou, provocou sentidos, percepções, modos de ver e de viver a Educação Física, sobretudo, a dança na escola pública.

A pesquisa me proporcionou a interlocução com egressos/as, professores/as, mestres, mestrass, doutores e doutoras em diversos programas de pós-graduação, após 15, dez, cinco anos de formados/as e com aqueles/as que ainda vivem a experiência da primeira graduação. Foi emocionante ouvir os depoimentos de todas essas pessoas e identificar de forma surpreendente o quanto a participação no festival foi importante, senão fundamental, nos processos de formação docente, mesmo que essa percepção se faça de forma tardia, como citado por alguns.

A formação inicial dos/as egressos/as foi descrita, a partir do Festival, pelo afeto, pela emoção, pela lembrança, pelo desafio e, principalmente, pela superação: “Após o Festival pode vir tudo”; “Depois que se sobe no palco do CIDEC...”. Não só a dança, mas toda a manifestação cultural, política e social passaram a fazer sentido e a tornar-se pauta nos seus espaços educativos. Essa luta, esse enfrentamento, não se extingue na formação inicial e mostra-se como um posicionamento fundamental ao ingressar e permanecer na docência.

Ainda assim, esse posicionamento precisou de um tempo de afastamento, de acúmulo de experiências profissionais e acadêmicas desses/as egressos/as. O tempo, que Caetano Veloso, em “Oração ao Tempo”, nos convida a nos deleitar e refletir... “de modo que o meu espírito ganhe um brilho definido/tempo, tempo, tempo, tempo/ E eu espalhe benefícios”.. Afortunadamente, esta pesquisa me possibilitou colher ainda no meu tempo!

Se ter medo de dança foi e sempre será um sentimento legítimo, em contrapartida, ter coragem para vivê-la e revivê-la em outros espaços é resistência, é democrático, é esperar, como nos diz Paulo Freire. Paralelamente ao processo de interrogar os sujeitos desta pesquisa, interroguei-me constantemente. Ao questioná-los/as, fazia o exercício de contextualização, pois estávamos mexendo em arquivos, alguns digitais e salvos em nuvens, outros nas memórias do corpo, reativadas, em alguns momentos, por encontros com colegas da mesma turma em eventos sociais. O que foi feito na sua edição? O quê marcou? O que ficou? E o legado do Festival?

Chegar à conclusão de que todo o corpo pode dançar talvez seja o retorno mais potente do que significa legado nesta investigação. Principalmente, daqueles/as acadêmicos/as que não se sentiam confortáveis, sentiam-se desajeitados/as ou ainda, e pior, os que se diziam “sem ritmo” ou com “dois pés esquerdos”.

O que se desenvolveu de 2010 a 2023 como prática docente, a busca por propostas que fizessem sentidos aos sujeitos que chegavam à universidade, ao curso de Educação Física, desprovidos de experiências corporais pautadas pela dança, na escola ou em espaços educativos públicos e gratuitos, foi problematizado nesta pesquisa a partir da constituição de um processo didático/metodológico/formativo que propiciou vivenciar o corpo como uma experiência sensível, simbólica, lúdica, subjetiva. Também foi um desafio para mim, enquanto docente: não nasceu de acertos imediatos; foram anos de tentativas, erros, erros, acertos, revisão, ampliação, permanência e exclusão. E, como diz o compositor e cantor Vitor Ramil, “Eu acho que nasci nesses últimos dois anos [...]. Na verdade, dizer que eu nasci é um certo exagero, porque pretendo seguir nascendo...” no livro de Luís Rubira (2017, p. 218).

Assim, o Festival é uma estratégia estética, metodológica, política e formativa que continuará caminhando, provocando, nascendo e produzindo tantos outros sentidos na formação em Educação Física, pois, a bem da verdade, a disciplina de Danças sem o Festival, para mim, é como um queijo sem goiabada.

Referências

BATALHA, C. S.; CRUZ, G. B. Formação do professor de dança para o contexto escolar: visões e realizações no passo da experiência. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 40, e84257, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-0411.84257>. Acesso em: 10 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física/Secretaria de Ensino Fundamental (1º e 2º Ciclos)**. Brasília: MEC/SEF, 1997a.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental.

BRASILEIRO, L. T. O conhecimento no currículo escolar: o conteúdo dança em aulas de educação física na perspectiva crítica. **Movimento**, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 5-18, 2002. DOI: 10.22456/1982-8918.2646. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2646>. Acesso em: 13 fev. 2025.

BRASILEIRO, L. T.; FRAGOSO, A. R. F.; GEHRES, A.F. Produção de conhecimento sobre dança e educação física no Brasil: analisando artigos científicos. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 31, p. e20180113, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8660714>. Acesso em: 13 fev. 2025.

CARBINATTO, M. *et al.* Avaliação em dança: o caso dos festivais universitários da educação física. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 27, n. 3, p. 57-80, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8648293>. Acesso em: 6 fev. 2025.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo/SP: Cortez, 2012. (Coleção magistério, 2º grau. Série formação de professor).

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CBCE). **Sobre a Dança na Base Curricular Comum (BNCC) da Educação Física Escolar Contribuições de Grupos de Trabalhos Temático (GTTs) do CBCE**. Disponível em: http://public.cbce.org.br/arquivos/repositorio/GTTS_DANCA_TEMA_EF_BASES_CURRICULARES_13_12_2015%20A.pdf. Acesso em: 15 out. 2022.

EHRENBERG, M. C. A dança nos cursos de licenciatura em Educação Física: diagnósticos e possibilidades. In: EHRENBERG, M. C. (org.); FERNADES, R. C. FBRATIFISCHE, S. A. **Dança e educação física: diálogos possíveis**. 1. ed. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2014.

FERNANDES, C. **O corpo em movimento: o sistema Laban/Bartenieff na formação e pesquisa em artes cênicas**. 2. ed. São Paulo/SP: Annablume, 2006.

LABAN, R. **Dança Educativa Moderna**/R. Laban (tradução Maria da Conceição Parayba Campos). São Paulo/SP: Ícone, 1990.

- LABAN, R. **Domínio do movimento**. Rudolf Laban; ed. organizada por Lisa Ullmann [tradução: Anna Maria Barros De Vecchi e Maria Sílvia Mourão Netto; revisão técnica: Anna Maria Barros De Vecchi]. São Paulo/SP: Summus, 1978.
- MILLER, J. **Qual é o corpo que dança?** Dança e educação somática para adultos e crianças/Jussara Miller. São Paulo: Summus, 2012.
- MOMMENSOHN, M.; PETRELLA, P. (org.). **Reflexões sobre Laban, o mestre do movimento**. São Paulo/SP: Summus, 2006.
- MORANDI, C. O descompasso da Dança e da Educação Física *In*: STRAZZACAPPA, M.; MORANDI, C. **Entre a arte e a docência**: A formação do artista da dança. 4. ed. Campinas/SP: Papirus, 2012.
- MORANDI, C. S. D. F. **Passos, compassos e descompassos do ensino de dança nas escolas**. 2005. 93f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1600283>. Acesso em: 28 fev. 2025.
- PEREIRA, M. A.; SOUZA, J. B. L. Formação Superior em Dança no Brasil: Panorama Histórico-Crítico da Constituição de um campo de saber. **Revista Inter Ação, Goiânia**, v. 39, n. 1, p. 19-38, 2014. DOI: 10.5216/ia.v39i1.26443. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/26443>. Acesso em: 14 nov. 2022.
- RENGEL, L. **Os temas de movimento de Rudolf Laban** (I – II – III – IV – V – VI – VII-VIII): modos de aplicação e referência. São Paulo/SP: Annablume, 2008. (Cadernos de Corpo e Dança).
- RUBIRA, L. **Vitor Ramil - Nascer leva tempo** (identidade, autossuperação e criação de Estrela, estrela a Longes). Porto Alegre/RS: Publicato Editora, 2017.
- SOARES, C. L. **Imagens da educação no corpo**: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX/ Carmen Lucia Soares. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- STRAZZACAPPA, M. **Entre a arte e a docência**: A formação do artista da dança/Márcia Strazzacappa e Carla Morandi. 4. ed. Campinas/SP: Papirus, 2012. (Coleção Ágere).

Enviado em: 06/03/2025
Aprovado em: 14/05/2025